

## DESCARTES E O SUJEITO DO CONHECIMENTO

Caio Silva Fonseca<sup>(1)</sup>; Rodolfo Silva de Almeida<sup>(2)</sup>;  
Leonardo Jose Aparecido de Vasconcelos Brandão<sup>(3)</sup>; Jose Hélio Fernandes Júnior<sup>(4)</sup>;  
Werbest Jose Rodrigues da Silva Abreu<sup>(5)</sup>

<sup>(1)</sup>Graduando pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Campus Arapiraca; <sup>(2)</sup>Graduando pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Campus Arapiraca; <sup>(3)</sup>Graduando pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Campus Arapiraca; <sup>(4)</sup>Graduando pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Campus Arapiraca; <sup>(5)</sup>Graduando pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Campus Arapiraca.

**Resumo:** O presente trabalho tem como pretensão identificar o princípio subjetivo, a natureza da verdade e os procedimentos metodológicos predominantes na obra Discurso do Método, de René Descartes, onde o mesmo aborda a necessidade da descoberta de um método para melhor conduzir a verdade do pensamento; o anseio em conquistar uma verdade particular, a qual volte-se tão somente para uma única esfera do saber: a ciência, e através dela mostrar de forma universal, apoiando-se em fundamentos, a veracidade de determinado assunto, tornando-o necessariamente útil. Além disso, o discurso aborda também os meios essenciais para construir tais fundamentos onde estes consistem na dúvida metódica, nas máximas da moral, as quais são denominados procedimentos metodológicos. O referido trabalho foi elaborado por meio de pesquisas bibliográficas onde para a obtenção das informações necessárias para o aprimoramento e concretização do mesmo, foram utilizadas como fontes de consulta livros de autores renomados que estudaram o sujeito do conhecimento, onde estes revelaram a minuciosidade para obter a sua compreensão, além da enorme atenção exigida ao analisá-lo e compreendê-lo.

**Palavras-chave:** Método, Verdade, dúvida.

**Abstract-** This work has the intention to identify the subjective principle , the nature of truth and prevailing methodological procedures in the work Discourse on Method , by René Descartes, where it addresses the need of finding a method to better drive the truth of thought , the longing to conquer a particular truth , which is back - just to a single sphere of knowledge: science , and through it to show the universal form , relying on fundamentals, the veracity of a subject, making it necessarily useful . Moreover, the speech also addresses the essential means to build such foundations where these consist of methodical doubt , the maxims and morals , which are called methodological procedures . That work was done through literature searches where to obtain the information necessary for the improvement and implementation thereof, were used as sources of renowned authors who have studied the subject of knowledge where they revealed the thoroughness query to get the books their understanding , beyond the huge attention required to analyze it and understand it.

**Keywords:** Method, Truth, Doubt.

## Introdução

Desde muito cedo, somos alertados pelos nossos pais, parentes, professores sobre a importância e a necessidade de conhecermos isto ou aquilo. Convivemos com recomendações do tipo: “você precisa conhecer isso!”, “é necessário ter consciência de...”. Desse modo, ao longo de nossa vida, vamos recebendo informações e adquirindo compreensões sobre as coisas do mundo. Quer dizer, estamos permanentemente conhecendo, mas dificilmente questionamos sobre isso e buscamos encontrar a verdade, propriamente dita, do mesmo.

A partir de então surgem indagações do tipo: somos capazes de conhecer tal verdade? Quais são as possibilidades de conhecimento humano? Como conhecemos? Através de que adquirimos o verdadeiro conhecimento? É nesse sentido que Descartes adota um método, do qual se fundamenta na dúvida para responder tais interrogações e conseqüentemente alcançar a possível veracidade do conhecimento científico. Esse método será apresentado minuciosamente no decorrer do discurso cartesiano, mostrando sua importância para a condução da razão e a busca da verdade da ciência, obras como Fundamentos da Filosofia e Convite à Filosofia serviram de base para encontrar tais respostas, o discurso irá expor, além disso, a relação existente entre sujeito e objeto, mostrando assim a necessidade de tal relação para a construção do conhecimento. Em suma, para que exista o ato de conhecer, é indispensável o relacionamento entre esses dois elementos básicos, o sujeito e o objeto.

## O sujeito cartesiano do conhecimento

O termo *conhecer*, etimologicamente, advém da língua francesa *connaissance* (*conhecimento*) e que quer dizer *com* (*com*) e *nascer* (*naissance*). Para haver o ato de conhecer, como mencionado anteriormente, é necessário obter a relação entre o sujeito e o objeto, os quais estão interligados entre si, estabelecendo então, uma relação entre a consciência que conhece e o objeto conhecido.

Para Chinazzo (2007, p. 33):

No ato de conhecer, o sujeito conhecedor nasce como ser pensante e, concomitante com ele nasce o objeto que ele pensa e conhece. O processo de produção do conhecimento mostra aos homens que eles jamais são alguma coisa pronta e que estão sempre nascendo de novo, quando, quando têm coragem de se mostrarem abertos diante da realidade.

## Da necessidade de um método

Descartes relata na obra Discurso do Método a necessidade de descobrir um caminho mais viável para melhor conduzir a razão do pensamento, visto que todo indivíduo é possuidor da mesma, porém o que difere uma da outra é apenas a forma que cada um a conduz, ou melhor, só há conhecimento se o sujeito conseguir apreender o objeto, isto é, conseguir representa-lo mentalmente.

o poder de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso, que é propriamente o que se denomina o bom senso ou a razão, é naturalmente igual em todos os homens; e, destarte, que a diversidade de nossas opiniões não provém do fato de serem uns mais racionais do que outros, mas somente de conduzirmos nossos pensamentos por vias diversas e não considerarmos as mesmas coisas. Pois não é suficiente ter o espírito bom, o principal é aplicá-lo bem. (DESCARTES, 1979, p.3)

Embasado nisso, saliento que o principal fundamento contraído na obra para que se obtenha sucesso nas diversas formas de conhecimento científico, é sempre apoiar-se na dúvida metódica, e ainda que o objeto do conhecimento seja a dúvida propriamente dita, onde a mesma é utilizada como alicerce para o principio subjetivo, ou seja, a verdade do pensamento.

É importante ressaltar ainda, que para obter êxito nas experiências realizadas através do método e da ciência é necessário rejeitar as ideias construídas pela sociedade ao longo do tempo e confiar sempre na razão como instrumento capaz de conhecer a verdade. Ou, como recomendou o filósofo Descartes, “nunca nos devemos deixar persuadir senão pela evidência de nossa razão”. Além disso, é indispensável apoiar-se sempre em fundamentos, na dúvida, contestando incessantemente a origem do objeto a ser conhecido, iniciando desse modo a busca por uma ciência nata, a qual o indivíduo encontre a si mesmo, ou melhor, a sua própria verdade, sem que haja respingos de influência externa. Esse foi o método difundido por Descartes para aprimorar e concretizar o conhecimento científico, senão pela evidência de nossa razão”. Além disso, é indispensável apoiar-se sempre em fundamentos, na dúvida, contestando incessantemente a origem do objeto a ser conhecido, iniciando desse modo a busca por uma ciência nata, a qual o indivíduo encontre a si mesmo, ou melhor, a sua própria verdade, sem que haja respingos de influência externa. Esse foi o método difundido por Descartes para aprimorar e concretizar o conhecimento científico.

Segundo Chauí (2006, p. 97):

Não se diz que uma coisa é verdadeira porque corresponde a realidade externa, mas se diz que ela corresponde a realidade externa porque é verdadeira. O critério da verdade é dado pela coerência interna ou coerência lógica das ideias que formam um raciocínio, um pensamento coerente que depende somente de sua razão e não de explicações externas.

### **As regras do método cartesiano**

O ato de conhecer exige um esforço psicológico pelo qual procuramos nos apropriar intelectualmente dos objetivos, ou melhor, do objeto. Sendo um aspecto fundamental, esse ato, como já sabemos envolve o dualismo sujeito e objeto, processo pelo qual se encontram frente a frente. Nesse dualismo encontramos a essência do conhecimento. Esse é o resultado da relação entre os dois elementos. É relação e ao mesmo tempo correlação, por que o sujeito só é para um objeto assim como o objeto só é para um sujeito. Mas tal correlação não é reversível, pois ser sujeito é algo completamente distinto de ser objeto, visto que a função do sujeito é a de apreender o objeto e a função do objeto é ser apreendido e estudado pelo sujeito.

De acordo com Chinazzo (2007, p. 34):

O SUJEITO, no caso que nos interessa aqui, é o ser humano que construiu a faculdade da inteligibilidade, construiu um interior capaz de apropriar-se simbólica e representativamente do exterior, conseguindo, inclusive, operar de forma abstrata com seus símbolos e representações. O OBJETO é o mundo exterior ao sujeito, que é representado em seu pensamento a partir da forma de conduzi-lo e da manipulação que executa com eles.

Tendo em vista que só há conhecimento se o sujeito conseguir apreender o objeto, isto é, conseguir representa-lo mentalmente, deixando-se conduzir pela verdade da razão, surge a seguinte indagação: “mas é possível ao sujeito apreender o objeto?”.

Para responder a esse questionamento adota-se como ponto de partida a teoria cartesiana que diz que tudo pode ser analisado e explicado pela razão. Esta é o instrumento por excelência na construção do conhecimento em busca da verdade. Descartes atribuiu à razão humana a capacidade exclusiva de conhecer e estabelecer a verdade. Proclama que a razão é independente da experiência sensorial e que é inata imutável e igual em todos os homens.

Segundo Cotrim (2006, p. 61):

Os racionalistas afirmam que a experiência sensorial é uma fonte permanente de erros e confusões sobre a complexa realidade do mundo. Somente a razão humana, trabalhando com os princípios lógicos, pode atingir o conhecimento verdadeiro, capaz de ser universalmente aceito. Para o racionalismo, os princípios lógicos fundamentais seriam inatos, isto é, eles já estão na mente do homem desde o seu nascimento. Daí por que a razão deve ser considerada como a fonte básica do conhecimento.

Em contrapartida é importante ressaltar que o método cartesiano, não possuía de modo algum a intenção de modificar os alicerces até então estabelecidos, ou até mesmo aplicar uma reforma nas ciências, Descartes tencionava construí-lo, apenas com sua própria opinião, deixando todas as demais influencias de lado, para reformular seus pensamentos e, por conseguinte torna-los algo melhor, ou até mesmo, somente adapta-los ao nível da razão, sem a menor pretensão de que alguém o copiasse. Dessa forma ele melhor conduziria sua vida, com uma base fundamentada unicamente em sua verdade, esta que não é algo universal, mas sim, particular de cada indivíduo.

Para reforçar todas as informações prestadas acima, Descartes notou a importância e a necessidade da criação de um método (o qual já foi mencionado anteriormente), para melhor conduzir a razão, visto que, todos os homens a possui de forma igualitária, mas existe algo que as diferencia que nada mais é do que a forma na qual o indivíduo a conduz. Em virtude disso o filósofo sentiu a necessidade de implantar etapas básicas para melhor conduzir o espírito do homem na busca da verdade e com isso aperfeiçoar e clarear tal método, as quais estão divididas em quatro: a evidência; a análise; a ordem e a enumeração.

### **A evidência**

Sabemos que para aprimorar a questão do método, Descartes sentiu a necessidade de incrementar etapas que viabilizassem melhor a compreensão e condução da verdade racional.

A primeira dessas etapas é a evidência, a clareza, estas defendem a tese de que só se deve aceitar algo como verdadeiro quando estiver em absoluta perceptibilidade e distinção, ou seja, segundo estas, não é viável aceitar algo como verdadeiro somente porque temos relatos de autoridade ou por que é definição obtida ao longo das décadas, pelo contrário só é acometido aceitar algo como verdadeiro e dizer que realmente o conhece se for possível evidencia-lo melhor, provar embasado em fundamentos que o mesmo é verídico, como é o caso das matemáticas em que  $2 + 2 = 4$ .

Para Chauí (2006, p. 9):

A marca do conhecimento verdadeiro é a evidência, isto é a visão intelectual e racional da realidade tal como é em si mesma e alcançada pelas operações de nosso razão ou de nosso intelecto. Uma ideia é verdadeira quando corresponde à coisa que é seu conteúdo e que existe fora de nosso espírito ou nosso pensamento. A teoria da verdade é a adequação do nosso intelecto à coisa ou da coisa ao nosso intelecto.

### **A análise**

A segunda etapa a ser abordada é a análise. Esta implica na divisão das coisas ou das dificuldades existentes, em inúmeras partes, tantas quantas forem necessárias para melhor resolver o problema ou a dúvida, analisando ambos minuciosamente, para com isso obter uma análise de cada parte do objeto e partindo daí melhor solucioná-los.

### **A ordem**

Esta terceira etapa consiste em ordenar o raciocínio de modo que possibilite a sintetização dos objetos, acomodando-os de forma crescente, ou seja, dos mais simples ao mais complexos, para com isso adaptar o pensamento gradativamente à necessidade de exercitá-lo com mais cautela e complexidade ou como diz Descartes “para elevar-me, pouco a pouco, como galgando degraus”.

### **A enumeração**

Esta última utiliza-se do método de enumerar cada elemento que compõem o objeto analisado, para então realizar uma verificação completa e minuciosamente detalhada para com isso obter uma absoluta segurança de que nenhum elemento passou despercebido e ainda, ter certeza de que nada foi omitido.

Para tanto, contemplando e apoiando-se em todas essas etapas abordadas e explicadas acima, é possível alcançar a capacidade de conduzir com mais facilidade a razão do indivíduo em busca da verdade, além de possibilitar ao “sujeito” a apreensão do “objeto”.

### **Máximas da moral, segundo o método cartesiano**

Apoiando-se no exemplo de Descartes se pode ressaltar que não é possível reconstruir um pensamento ou reformula-lo, se apenas demoli-lo para assim gerar um novo juízo, é necessário primordialmente “reforma-lo”, bem como uma casa, e com isso providenciar outro para apoiar-se enquanto o primeiro está sendo reconstruído. Para tanto, criou-se uma moral provisória a qual está subdividida em três ou quatro máximas caracterizadas e nomenclaturadas pela obediência às leis e aos costumes, ser firme e decidido, vencer a si próprio, além de escolher a melhor entre as ocupações que os homens exercem.

A primeira máxima está adepta as crenças a obediência onde jamais se deve esquecer-se de suas raízes, seus princípios e fundamentos, suas origens.

A primeira era obedecer as leis e aos costumes de meu país, mantendo-me na religião na qual Deus me concedera a graça de ser instruído a partir da infância, e conduzindo-me, em tudo o mais, de acordo com as opiniões mais moderadas e as mais distantes do excesso, que fossem comumente aceitas pelos mais sensatos daqueles com os quais teria de conviver. (DESCARTES, 1979, p. 17).

A segunda máxima pauta-se em ser firme e decidido não se deixando influenciar nas suas decisões, opiniões e pensamentos, para com isso utilizarmos o mínimo possível do senso comum, formulado pela sociedade e que muitas vezes, ao se transformar em crenças, torna-se uma doutrina inquestionável. Afinal a ciência exige cautela e precisão para encontrar sua verdade, sua comprovação, ademais é necessário ressaltar novamente que não se deve apoiar-se em ideias formadas pela sociedade é primordial que seja investigado e estudado por meio de fundamentos para então ser comprovado.

De acordo com Chauí (1941, p. 219):

Os fatos ou objetos científicos não são dados empíricos espontâneos de nossa experiência cotidiana, mas são construídos pelo trabalho da investigação científica. Esta é um conjunto de atividade intelectual, experimental e técnicas, realizadas com base no método que permite e garante que a principal marca da ciência seja o rigor.

A terceira busca primordialmente que o indivíduo deve vencer a si próprio, evidenciando a sua capacidade além de habituar-se a ideia de não termos completamente o poder sobre nada exceto do nosso pensamento.

E por fim, a última, na qual devemos progredir no exercício do método, estudando, viajando e aprofundando-se nos assuntos pertinentes, para assim alcançar o máximo possível de conhecimento da verdade, baseando-se no método que por sua vez é fundamental.

Contudo, a respeito das máximas expostas anteriormente é possível ressaltar que através delas entende-se que seu principal intuito é conduzir a razão na busca da verdade, bem como as regras do método cartesiano.

### **Da verdade indubitável, da existência de Deus e da relação homem animal**

Já se assinalou que o presente trabalho apresenta características de um método julgadas essenciais para melhor conduzir a verdade da razão humana onde para aderir tal método às pesquisas e experiências é necessário fundamentar-se na dúvida. Assim as duas subseções que seguem cumprem o dever de apresentar constatações, onde segundo Descartes, merecem ser consideradas algo verdadeiro.

### **Da verdade indubitável e da existência de Deus**

Quanto aos costumes é preciso seguir opiniões duvidosas, mas quanto à busca da verdade, para Descartes, deve-se rejeitar tudo que supõe dúvida, em busca do indubitável, do claro e distinto. Em suma, não é necessário duvidar de tudo, mas tentar duvidar o máximo possível para assim alcançar a verdade.

Para tanto é importante respaldar que para duvidar ou pensar que tudo é falso é necessário obviamente pensar, sendo imprescindível colocar, que quem pensa seja algo. É certo que entender essa relação é no mínimo confusa, mas é possível esclarecê-la tomando por base a verdade indubitável de Descartes, a qual nomenclatura-se por “Eu Penso, Logo Existo”, donde vem que a essência do homem está no pensamento.

A partir daí, analisando o que existe, o pensamento, Descartes examina o que ele é, um pensamento independente do corpo, que para existir não necessita de nenhum lugar, nem tampouco de qualquer coisa material, precisa apenas do pensamento.

Tendo em mente a certeza da existência de um ser perfeito, pode-se dizer que tal ser é Deus, pois o ser que criou a ideia de perfeição obviamente exerce tal ideia, logo Deus é um ser existente e perfeito. Para provar tal existência basta ter consciência de que nós temos a ideia de perfeição, mas não somos causa dela, não dou a mim mesmo a minha existência e as consequências desastrosas que a negação da existência de Deus implica.

### **Da relação homem/animal e a existência da alma**

Segundo Descartes os animais não têm alma, a prova disto é que eles são desprovidos de razão, se eles tivessem razão, por mais pouca que fosse eles falariam, e o mais inteligente dos animais não fala, ao passo que o menos inteligente entre os homens fala. O que difere o ser humano dos animais é a capacidade do homem de responder ao seu meio criativamente, racionalmente, principalmente por meio da linguagem.



A partir daí estabelece-se a concepção de que nós como seres pensantes, diferimos-nos dos animais apenas nesse sentido, na medida em que devemos considerar que Deus nos criou iguais em alguns aspectos e diferentes em outros, contudo não podemos negar tal relação, pois como foi dito na subseção anterior, Deus é o único ser perfeito, e que tendo sido ele o criador de tal semelhança e tal distinção, não cabe a nós contestar.

Quanto a mim, jamais presumi que meu espírito fosse em nada mais perfeito do que os do comum; amiúde desejei mesmo ter o pensamento tão rápido, ou a imaginação tão nítida e distinta, ou a memória tão ampla ou tão presente, quanto alguns outros. E não sei de quaisquer outras qualidades, exceto as que servem à perfeição do espírito; pois, quanto à razão ou ao senso, posto que é a única coisa que nos torna homens e nos distingue dos animais [...] (DESCARTES, 1979, p. 3).

Desse modo, essa relação foi exposta com intuito de provar a existência da alma humana, onde possibilitou a compreensão de que apenas os seres humanos possuem alma ou razão, diferindo-se assim dos animais, que por sua vez, não as possuem.

## **Conclusão**

Levando em consideração todo o estudo realizado que procurou investigar, analisar e identificar o princípio subjetivo, a natureza do conhecimento e os procedimentos metodológicos predominantes no Discurso do Método, de René Descartes, foi possível compreender por meio dos estudos das obras dos autores pesquisados e da própria leitura do livro, que as informações adquiridas pela explicação em si é muito mais cautelosa e minuciosa do que aparenta ser inicialmente, mostrando desse modo o nosso ligeiro desconhecimento a respeito do mesmo.

A realização deste trabalho nos levou a entender o quão é importante “conhecer”, e ainda buscar compreender os elementos que o compõem, como é o caso do sujeito e do objeto, onde tal ligação é imprescindível, visto que não existe sujeito sem objeto, nem tampouco objeto sem sujeito, relação pela qual foi bem revelada no livro Discurso do Método onde apresenta também o ser pensante que se fundamenta na dúvida para encontrar a verdade da ciência.

Os conceitos abordados neste trabalho foram argumentados de tal forma que, sem sombra de dúvidas mostrou a necessidade e ao mesmo tempo o êxito da aplicação do método para melhor conduzir a razão humana na busca da verdade e ainda que a essa razão seja a verdadeira fonte de conhecimento revelando assim que tal método é primordial para o sucesso das descobertas científicas.

Para tanto é importante ressaltar que de acordo com as pesquisas realizadas no exposto só adquirimos conhecimento de algo se sempre agregarmos o método, já mencionado anteriormente, e buscarmos analisa-lo minuciosamente ao passo em que jamais devemos nos apoiar em ideias externas, devemos sempre buscar nossa própria verdade e assim mostrar, evidenciar e comprovar tais pesquisas cientificamente.



## Referências

DESCARTES, René. **Discurso do Método**; para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores)

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia**: história e grandes temas. — 16. ed. reform. e ampl. — São Paulo: Saraiva, 2006.

CHINAZZO, Cosme Luiz. Conhecimento e método. In: **Instrumentalização Científica** / [Obra] organizada pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). — Curitiba: Ibpex, 2007, p. 32 - 49.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2006.